

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

(RE)VISÕES SOBRE A SURDEZ: DO ENEM À DISCIPLINA DE LIBRAS NA UFAL *CAMPUS* SERTÃO

**(RE)VISIONS ABOUT DEAFNESS: FROM ENEM TO THE DISCIPLINE LIBRAS IN
UFAL *CAMPUS* SERTÃO**

Gabriel Henrique Siqueira Monteiro

Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas,
Campus Sertão, em Delmiro Gouveia.
totty_monteiro@hotmail.com

Jaqueline Ribeiro Santos

Estudante do curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Sertão, em
Delmiro Gouveia.
jaqueliners820@gmail.com

Cristiano das Neves Vilela

Professor do curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Sertão, em
Delmiro Gouveia.
nevesvilela@hotmail.com

Resumo

Este artigo objetiva analisar as experiências que os alunos do curso de Pedagogia do *Campus* do Sertão da UFAL tiveram ao falar sobre o tema “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil” na redação do Enem de 2017. Seguimos um percurso teórico que abordou a cultura surda, língua de sinais e educação de surdos. Para isso, utilizamos as contribuições de Eagleton (2000), Santana e Bergamo (2005), Gesser (2009), Sá (2011) e Schwartzman (2011), entre outros. Através de um questionário, procuramos analisar como os alunos que fizeram o Enem 2017, compreendem esses aspectos antes e após estudarem a disciplina de LIBRAS. Diante disso, nosso trabalho contribui para fomentar a importante discussão sobre a cultura surda e os surdos no Brasil. Concluímos que esses estudantes não haviam discutido sobre os surdos antes do Enem (2017), e que a maioria os caracterizava como deficientes. Porém, todos mostraram um novo olhar a respeito da cultura surda após cursar a disciplina de LIBRAS.

Palavras-chave: Surdos; LIBRAS; Cultura surda; Redação do Enem;

Abstract

The objective of this article is to analyze the experiences that the pedagogy students from UFAL – *Campus* do Sertão – had when talking about the theme “Challenges for the educational formation of the deaf in Brazil” in the essay of the Enem (2017). We followed a theoretical course that approached deaf culture, sign language and deaf education. For this we use the contributions of Eagleton (2000), Santana and Bergamo (2005), Gesser (2009), Sá (2011), Schwartzman (2011), among others. Through a questionnaire we tried to analyze how the students who took the Enem (2017) understand these aspects before and after studying the subject LIBRAS. From this, our work contributes to foment the important discussion about deaf and deaf culture in Brazil. We concluded that these students had not discussed about the deaf before the Enem (2017), and that the majority characterized them as disabled. However, all the students showed a new look on the deaf culture after studying the LIBRAS subject.

Keywords: Deafs; LIBRAS; Deaf culture; Essay of Enem.

Introdução

Quando pensamos em cultura, um dos termos mais complexos da nossa língua (EAGLETON, 2000), logo nos vem à mente a ideia de preservação, no sentido de cultura corresponder a um determinado grupo de sujeitos, como uma identidade que assegura a sua existência no mundo. Nesse raciocínio, vivemos em uma sociedade repleta de culturas, na qual algumas se sobressaem às outras, não pela perspectiva de ser melhor, mas, sim, pela visibilidade que determinadas culturas possuem diante das demais. Dessa forma, faz-se necessário problematizar a ideia de cultura e a existência de diferentes culturas convivendo no mesmo espaço. Desse modo, quando adquirimos o conhecimento de que outras culturas existem ao nosso redor, passamos a valorizá-las e a torná-las visíveis; na verdade, elas sempre existiram e não somos nós que as tornamos visíveis. Ao contrário, são as culturas apagadas, quando conhecidas, que nos possibilitam sair de um local comum.

Nesse problemática, quando refletimos a respeito da cultura surda, entendemos que os sujeitos edificantes de tal cultura são marginalizados por uma massa, para quem a existência desses sujeitos não recebe a devida importância nas discussões que ocorrem nas diferentes esferas de convivência social. Entretanto, na atualidade, percebemos que essa discussão está ganhando, aos poucos, mais repercussão na esfera educacional e na esfera midiática.

À vista disso, um importante exemplo dessa repercussão foi o tema da redação do ENEM³ (2017), que propôs uma discussão sobre os desafios encontrados para a formação educacional dos surdos no Brasil. Essa temática proporcionou visibilidade para a língua de sinais e a cultura surda, mas ao mesmo tempo gerou polêmicas e reclamações de estudantes que tinham pouca afinidade com o tema. Acerca desse fato, ficamos inquietos para saber o que pensam os estudantes que fizeram essa redação antes e depois de estudar a disciplina de LIBRAS na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – *Campus Sertão*.

Diante disso, decidimos explorar essas inquietações, na procura de valorizar a importância de conhecer e entender a cultura surda. Para tanto, utilizamos a contribuição de alguns estudos, como os proporcionados por Gesser (2009) e Sá (2011), para nos esclarecer questões mais pontuais sobre a língua de sinais e a cultura surda, e utilizamos alguns parâmetros do Ministério da Educação referentes ao ENEM.

(Re)Visões sobre a cultura surda

As sociedades são compostas por conjuntos de diferentes culturas, e dentro delas encontramos diversas ideologias e sujeitos que possuem diferentes identidades. Diante disso, é importante entendermos a existência de culturas majoritárias e culturas minoritárias transitando nos mesmos espaços e cumprindo determinadas regras impostas por seus grupos (EAGLETON, 2000). Nessa “lógica”, compreendemos que a cultura dos surdos ainda faz parte de uma cultura considerada menor aos olhos de outras culturas, pois, o conhecimento que os

³ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar desse exame estudantes que estão concluindo o ensino médio ou que já o concluíram em anos anteriores.

ouvintes têm sobre os surdos ainda é muito baixo quando comparado à real necessidade de valorização desses sujeitos. A invisibilidade da cultura surda e das características peculiares pela qual os surdos, como povo, se organizam e dão sentido ao mundo e as coisas nele é tão grande que muitas pessoas não creem na existência dessa cultura, a desconhecem ou até mesmo nunca se questionaram acerca dela. Diante disso, Sá (2011) esclarece-nos que

A cultura dos surdos se recria todos os dias, mas é desconhecida e ignorada, como uma forma de abafar o que é vivido e visto. Como o problema da surdez está localizado num corpo individual, a taxonomia médica é reproduzida e assegurada, perpetuando interpretações da surdez enquanto a experiência de uma falta ou enquanto uma incapacidade ou deficiência. (SÁ, 2011, p. 02).

Conseqüentemente, a maioria dos brasileiros associa a surdez apenas como uma deficiência e apresenta certos preconceitos contra os surdos, caracterizando-os, muitas vezes, com termos pejorativos, como *mudinho*, *moco*, dentre outros termos ofensivos. Desse modo, a língua dos surdos do nosso país (LIBRAS) ganha pouca visibilidade se comparada com o ensino de língua portuguesa que é perpetuado nas escolas, quando levamos em consideração que no Brasil temos aproximadamente 2,6 milhões de surdos⁴.

Diante disso, a Lei 10.436 (BRASIL, 2002) e o Decreto 5626 (BRASIL, 2005) conhecida também como a lei da/de LIBRAS, “*reconhece na Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil.*” (SÁ, 2011, p. 35). Com isso, podemos perceber a importância que a língua de sinais brasileira tem para a formação dos surdos enquanto cidadãos. Logo, o artigo 2.º, do decreto já mencionado, traz uma definição de pessoa surda como “*aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*” (BRASIL, 2005).

Assim, ao falar da língua de sinais brasileira é necessário que se fale da cultura surda, porque uma não existe sem a outra. Partindo desse pressuposto, o que seria a cultura? Como a noção de cultura está presente no povo surdo? Para Eagleton (2000), a cultura traz uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade. Pensando na cultura como conjunto amplo de elementos que dão sentido às experiências coletiva de um povo, a questão da língua se estabelece como um artefato cultural significativo, principalmente quando tratamos de cultura e língua que são de modalidades distintas da cultura majoritária.

Nesse contexto, quando falamos de *Cultura Surda*, estamos tratando da maneira como a pessoa surda compreende o mundo perante as suas percepções visuais. Segundo Santana e Bergamo (2005),

Na área da surdez encontra-se geralmente o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campainha

⁴ Dados do IBGE, censo 2010.

que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc. (SANTANA e BERGAMO, 2005, p. 572).

Dessa forma, é notável que atualmente conceituar a cultura (surda) é uma tarefa árdua, sendo essa tarefa uma junção de vários fatores que resulta em uma grande teia de valores, crenças e hábitos. Logo, a cultura surda inclui uma língua distinta da língua dos ouvintes, que utiliza a comunicação *gesto-visual*, que na maioria das vezes é categorizada como mímica, pois grande parcela da sociedade não sabe que a LIBRAS utiliza os sinais que correspondem à função do léxico de uma língua e que outras expressões manuais e não manuais também fazem parte da LIBRAS, embora tenham seu valor linguístico estabelecido de forma diferente dos sinais.

Por isso, a necessidade de fazer com que os surdos tenham uma educação adequada à sua cultura é fundamental para sua formação, com um ambiente que tenha a presença de professores(as) bilíngues, em que a primeira língua estudada seja a LIBRAS e a segunda língua seja o português escrito. Dessa maneira, poderão ser mantidos diálogos entre surdos e ouvintes, possibilitando, assim, uma melhor vivência em sociedade.

De modo diferente, a desatualização da maioria da sociedade a respeito da cultura dos surdos proporciona a exclusão dos surdos dos espaços de convivência social, fazendo com que sua cultura continue desconhecida para a maioria da população brasileira. Dessa forma, Gesser (2009, p. 9) relata que *“tornar visível a língua (de sinais) desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural”*.

Sendo assim, uma das melhores alternativas para reverter o paradigma de que os surdos são deficientes e até mesmo inferiores está diretamente ligada à escola, em sentido de que a percepção da cultura surda pode ser apresentada corretamente aos alunos, proporcionando mudanças na maneira como a maioria da sociedade os vê. Com efeito, a valorização da cultura surda nas escolas é tema que tem ganhado espaço no cenário educacional, porém a realidade que as escolas apresentam não se encontra adequada para atender aos objetivos de programas de inclusão idealizados por órgãos educacionais.

Na maioria das escolas consideradas inclusivas não existe uma concepção totalmente inclusiva, sendo necessárias adequações referentes a estruturas físicas, materiais didáticos-pedagógicos adequados, professores capacitados, um importante acompanhamento psicológico e, o mais importante, a presença da LIBRAS como língua privilegiada para ensinar ao aluno surdo. Isso posto, Sá (2011, p. 17) acredita que *“o que estamos assistindo no Brasil é a uma ineficácia em atender ao direito que tem cada pessoa de ser atendido em sua singularidade”* e ainda nos esclarece que

Os surdos [...] não podem estar em arranjos educacionais feitos para a maioria. Os surdos são minoria: têm que ser atendidos de maneira diferenciada, específica, segundo suas necessidades, especificidades e potencialidades! A ideia básica não é discriminar os surdos ou qualquer grupo minoritário, pelo contrário: a ideia básica é que este atendimento diferenciado é que é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar

comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva. (SÁ, 2011, p. 25).

Desse modo, percebe-se que o que é oferecido aos surdos são apenas propostas complementares, que, dentro de uma política inclusiva, faz com que a sociedade acredite que isso basta. Porém, é necessário que além desses atendimentos diferenciados, sejam ofertados eventos promovendo trocas de conhecimentos entre as culturas ouvinte e surda, com intuito de uma reformulação na maneira de ver e entender as diferenças entre elas.

Partindo dessa realidade, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2017 o tema da redação foi “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil”, temática que causou um choque de realidade para os alunos que fizeram o exame, surpreendendo até mesmo os profissionais da educação. Por não apresentarem um conhecimento mais aprofundado sobre os surdos, muitos estudantes cometeram o equívoco de falar que eles são deficientes⁵, que não possuem uma Língua e até mesmo que eles não têm uma cultura.

Com isso, fica claro observar em algumas postagens na rede social *Twitter* a falta de conhecimento dos alunos sobre a cultura surda, na qual relatam “*Péssimo o tema de Redação do ENEM. O tema foi muito específico. Este tema foi desonesto e covarde com os alunos...*”, demonstrando o quanto os estudantes estão despreparados para tratar de assuntos voltados para os surdos. Perante essas importantes constatações, decidimos elaborar um questionário referente ao conhecimento que os alunos da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão – têm acerca da mesma temática após cursar a disciplina de LIBRAS, que é ofertada no segundo período dos cursos de licenciatura como disciplina obrigatória e como eletiva para os demais cursos no *Campus*, para que possamos obter resultados empíricos sobre o conhecimento dessas pessoas sobre os surdos e a sua cultura.

54

O que pensam os alunos da UFAL-Campus sertão: do Enem à disciplina de LIBRAS

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁶ é uma prova que ocorre todos os anos no Brasil, proporcionando aos estudantes ingressarem no ensino superior. Essa prova é aplicada em duas etapas, em dias diferentes, abordando conteúdos de ciências exatas e humanas. No primeiro dia de prova uma redação⁷ é aplicada com um tema surpresa, que corresponda a discussões importantes, presentes na atualidade.

Referente à prova de Redação, o Ministério da Educação (MEC) apresenta regras para essa prova no ENEM, explicando que essa exige uma produção de texto em prosa, sendo do tipo dissertativo-argumentativo, baseada em um tema de

⁵ Devemos compreender três pontos quando falamos de surdez e de deficiência: Deficientes – que não é suficiente sob o ponto de vista quantitativo; deficitário, incompleto. Surdos: são pessoas que nasceram sem o sentido da audição. Já deficiente auditivo, por motivos diversos, perderam parcialmente ou por completo sua audição. Diante disso, quando abordamos a palavra “deficiente”, estamos tratando de uma concepção que não leva em consideração as causas e consequências da surdez.

⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ENEM - Apresentação. [on-line]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acesso em 16 out. 2018

⁷ As afirmações são referentes as regras do ENEM do ano de 2017.

ordem social, científica, política ou cultural proposto pelos organizadores da prova. Nela, o candidato deverá apresentar propostas de solução para o problema apresentado, uma intervenção, mas sem ferir os direitos humanos⁸.

Diante das exigências que o Ministério da Educação impôs para a realização da redação do Enem, aqui fazendo referência ao ano de 2017, a comissão organizadora trouxe o tema “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil”⁹, conforme já pontuamos anteriormente, ocasionando uma grande repercussão para alunos e professores do país, pois o tema não era cogitado por especialistas, o que corrobora para afirmarmos que a discussão sobre os surdos não é devidamente discutida no âmbito nacional.

Através das redes sociais muitos participantes se expressaram a respeito do tema de forma indignada, como podemos observar em um comentário de participante feito na rede social *Twitter*: “*Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil*” é o tema da redação, fomos tudo trouxa achando que ia ser homofobia KKKKKKK #enem”¹⁰.

Logo, outro fato causador dessa indignação é que ao tentar adivinhar o tema da redação e focar em um assunto específico, impulsionado por professores de cursinho preparatório e pela mídia, muitos participantes deixam de lado um leque de assuntos que possivelmente poderiam ser tema da redação do Enem. Consequentemente, os participantes ao se sentirem frustrados e despreparados diante do tema têm um baixo desempenho na produção do texto de redação.

Na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)-*Campus* do Sertão, é ofertada a disciplina de LIBRAS desde o primeiro ano de existência desse *campus*, em 2010. A disciplina LIBRAS no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) dos cursos de licenciatura do *campus* do sertão tem carga horária de 60 horas e está estruturada em conteúdos teóricos voltados a discutir quem são os surdos, sua língua e a educação e conteúdos práticos que visam a aquisição de competências linguísticas básicas em LIBRAS, estabelecendo uma maior interação dos alunos com a Língua de Sinais Brasileira, paralelamente, deixando-os mais preparados para tratar dessa Língua de Sinais e mais afetivos com às particularidades da cultura surda.

Dessas inquietações referentes à redação do ENEM (2017) e à disciplina de LIBRAS ofertada no *Campus* Sertão, decidimos elaborar um questionário com o intuito de avaliar a realidade de conhecimento dos alunos de pedagogia da UFAL – *Campus* do Sertão, em relação à cultura surda, tendo em vista que, na maioria dos casos, o cenário socioeducativo em diferentes instâncias de ensino/aprendizagem não oferta informações a respeito da cultura dos surdos, deixando uma grande parcela desses estudantes com dificuldades para abordar temáticas específicas a esses sujeitos.

Com base nesse pressuposto, elaboramos esse questionário, contendo três questões objetivas e uma questão aberta:

⁸ AGÊNCIA BRASIL. MEC divulga cartilha com instruções para a redação do Enem 2017 [on-line]. Disponível em: < <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/mec-divulga-cartilha-com-instrucoes-para-a-redacao-do-enem-2017/> >. Acesso em 16 out. 2018.

⁹ Tema da redação do Enem 2017 fala sobre a educação de surdos no Brasil. [on-line] Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/tema-da-redacao-do-enem-2017-fala-sobre-a-educacao-de-surdos-no-brasil.ghtml> >. Acesso em: 21 out. 2018.

¹⁰ Tema da redação do Enem surpreende internautas; veja repercussão nas redes. [on-line]. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/tema-da-redacao-do-enem-surpreende-internautas-veja-repercussao-nas-redes-cj9mz4pk805xu01pjc6phn046.html> >. Acesso em 23 nov. 2018

- 1- Você já tinha parado para “falar” sobre os surdos antes da redação do Enem do ano de 2017?
() SIM () NÃO
- 2- Antes de lhe ser ofertada a matéria de LIBRAS, você caracterizava os surdos como?
() Deficiente () Mudinho () Sujeito que apresenta perda total ou parcial da audição
- 3- Na(s) escola(s) que você estudou, alguma vez teve palestra ou evento relacionado à cultura surda?
() SIM () NÃO
- 4- De maneira sucinta (até cinco linhas), fale sobre a sua percepção da cultura surda antes e após cursar a matéria de LIBRAS.

Após a elaboração desse questionário, decidimos aplicá-lo através de um veículo de comunicação bastante utilizado na atualidade, o *WhatsApp*. Nesse objetivo, enviamos mensagens para os alunos do segundo período de Pedagogia que haviam acabado de cursar a disciplina de LIBRAS e que haviam participado da prova do Enem (2017). Diante disso, a confidencialidade foi garantida, já que os participantes foram avisados de que não divulgaríamos a identidade do estudante que respondessem à pesquisa. Obtivemos a participação de dez alunos e após receber as respostas dos participantes e depois de analisar os dados obtidos, produzimos gráficos para uma melhor visualização, em percentual, das respostas, como podemos ver a seguir:

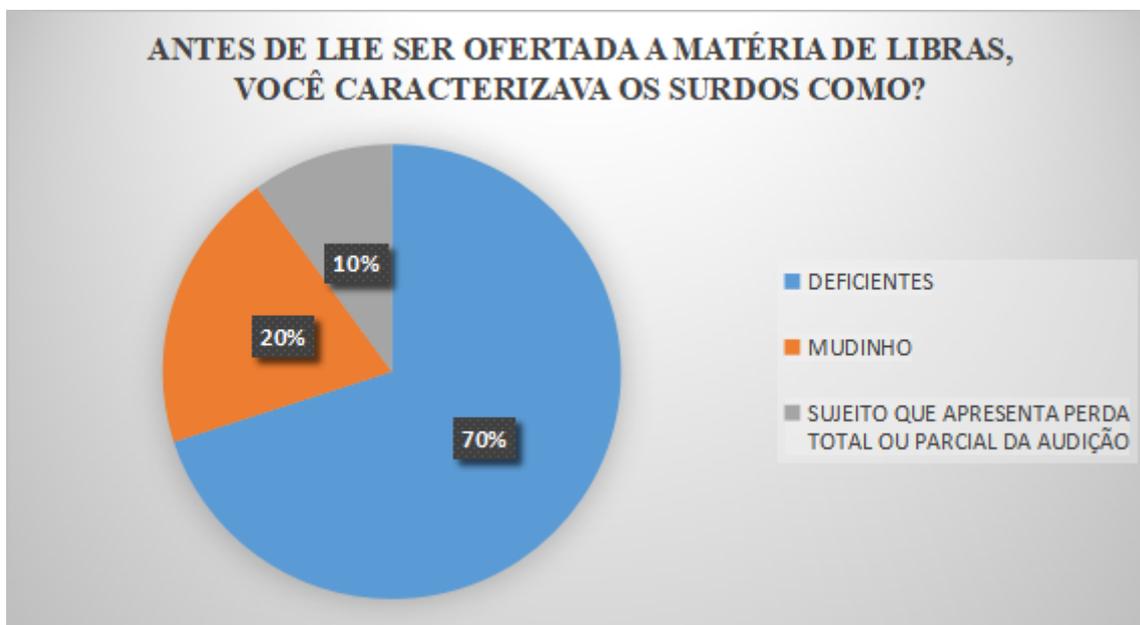
Gráfico 1: Dados obtidos da primeira questão



Diante dos dados obtidos em relação à primeira pergunta, observamos que 80% dos participantes não tinham refletido sobre a cultura surda, e os outros 20%

dos participantes já tinham entrado em contato com o assunto. Constatamos, assim, que a maior parcela dos participantes desconhece ou nunca parou para conversar sobre o povo surdo e a sua cultura. Logo, para a maioria a redação do Enem (2017) possibilitou um primeiro contato com o assunto.

Gráfico 2: Dados obtidos para segunda questão.



Fonte: Elaboração pelos autores.

Perante os dados do gráfico dois, observamos que 70% dos alunos participantes caracterizavam os surdos como *deficientes*. Logo, 20% escolheram a opção *mudinho* e apenas 10% optaram pela resposta *sujeito que apresenta percas totais ou parciais da audição*. Diante disso, percebemos que a maioria dos participantes, pela falta de informação, enxergava os surdos apenas como deficientes. Entretanto, segundo Padden & Humphries (1988, p.44 *apud* GESSER, 2009), definir os surdos como deficientes não corresponde à realidade, pois

A deficiência é uma marca que historicamente não tem pertencido aos surdos. Essa marca sugere auto representações, políticas e objetivos não familiares ao grupo. Quando os surdos discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados com sua língua, seu passado e sua comunidade. (GESSER, 2009, p. 46).

Gráfico 3: dados obtidos da terceira questão



Fonte: Elaboração pelos autores.

Os dados do terceiro gráfico mostram-nos que mesmo muitas escolas se denominando inclusivas, certamente não possibilitaram/possibilitam para os estudantes o conhecimento sobre a cultura surda, visto que 100% dos participantes não tiveram contato com o assunto na rede de ensino fundamental e médio. Logo, é possível aventarmos que o papel de inclusão que as escolas deveriam/devem oferecer acaba não existindo.

Com isso, Schwartzman (2011, p. 274) afirma que “*Dever-se-iam levar em conta os estudos que mostram que várias dessas crianças e jovens ditos ‘incluídos’ são, na verdade, indubitavelmente excluídos e estigmatizados dentro das salas regulares de aula*”, o que nos remete a pensar se existe a real inclusão para todos nas escolas.

Em relação à quarta questão, com respostas abertas: *De maneira sucinta (até cinco linhas) fale sobre a sua percepção da cultura surda antes e após cursar a matéria de LIBRAS*, obtivemos respostas parecidas. Desse modo, identificamos os participantes por números, do 1 ao 10 referente a cada um dos estudantes que responderam à pesquisa. Os participantes 1, 2 e 6 relataram que antes de cursar a disciplina de LIBRAS não tinham conhecimento sobre a cultura surda, como podemos perceber na resposta do participante 2: “*Antes de cursar a matéria de LIBRAS eu não tinha conhecimento da cultura surda, na verdade, eu nem sabia que os surdos tinham uma cultura própria e nem caracterizava LIBRAS como uma língua*”.

Dessa forma, cinco participantes tiveram respostas bastante parecidas referente à questão quatro, para a qual relataram que antes de cursar a disciplina de LIBRAS achavam que os surdos eram simplesmente deficientes, como podemos comprovar na resposta do participante 3, “*Antes de ter contato com a LIBRAS*

achava que todos os surdos eram deficientes auditivos e que a língua de sinais era universal”, e do participante 4, “os surdos pela minha percepção, e acredito que pela maioria, sempre foi [foram] visto [vistos] como um ‘deficiente’”.

O participante 8 foi o único que divergiu na resposta, como podemos notar no fragmento da resposta que aqui apresentamos: *“antes da disciplina de LIBRAS, eu não tinha ideia do quanto essa língua é complexa. Sabia que os surdos não eram deficientes, mas não sabia que eles podiam emitir sons, formando palavras (já que os mesmos não ouvem ou escutam muito pouco)”.*

Nesses dados, observamos que antes de cursar a disciplina de LIBRAS apenas um participante já conhecia a língua de sinais, apresentando algum entendimento sobre a condição de surdez. Sendo assim, podemos perceber que essas respostas abertas corroboram com os dados obtidos das questões objetivas. Nesse sentido, em relação à contribuição da disciplina de LIBRAS para a revisão de paradigmas e construção de um novo conhecimento sobre o povo surdo, da sua cultura e da existência de uma Língua de sinais, três dos participantes falaram que após cursarem essa disciplina passaram a enxergar a importância desse componente curricular ser implantado em maior abrangência, contemplando diferentes etapas de ensino, do básico ao superior, como podemos observar no fragmento da resposta do participante 2 *“Após cursar a matéria passei a perceber o surdo de outra maneira, tendo a concepção de que surdo é diferente de deficiente auditivo e de que a LIBRAS é sim uma língua a qual deveria ser implantada no currículo escolar”.*

Dessa maneira, diante dos gráficos, da descrição dos seus resultados e das respostas abertas, podemos perceber que há uma mudança de visão que os alunos apresentam depois de cursar a disciplina de LIBRAS, passando a perceber uma nova realidade a respeito dos surdos, notando, também, o quão complexa é a sua língua e o quanto rica é a sua cultura. As respostas dos participantes são elucidativas no que compreende ao conhecimento anterior ao contato com o tema da surdez e com a revisão de paradigmas resultante das discussões realizadas em sala de aula na disciplina de LIBRAS. Logo, o tema do ENEM 2017, por mais que tenha gerado uma grande polêmica pela dificuldade que muitos participantes inferiram ao tema, abriu caminhos para que a Língua de Sinais, a cultura surda e os integrantes dessa cultura possam ser enxergados pela sociedade brasileira na forma devida.

Considerações

Com essa reflexão, assumimos a postura de trazer à tona uma discussão a respeito do povo surdo e a sua cultura. Nessa, procuramos deixar claro o nosso propósito, que foi o de analisar as perspectivas que os(as) alunos(as) do segundo período de Pedagogia da UFAL-Campus Sertão tinham antes de cursar a disciplina de LIBRAS, após terem participado da prova do ENEM 2017, que teve como temática a surdez, e a (re)visão de conceitos possibilitada após cursarem tal disciplina.

Sendo assim, ao notar que o assunto é pouco problematizado no âmbito social e educativo, buscamos através de um questionário conseguir resultados que retratassem melhor essa realidade. Através de contribuições teóricas para

fundamentação das nossas ideias, obtivemos compreensões de que a cultura surda ainda é pouco conhecida e problematizada.

A partir do questionário, apontamos que os alunos entrevistados ainda não haviam discutido nada acerca dos surdos antes da redação do Enem 2017, que antes de cursarem a disciplina de LIBRAS a maioria caracterizava os surdos como deficientes e que nas escolas onde estudaram nunca houve palestras ou eventos voltados à disseminação de conhecimento sobre cultura surda. Acerca da cultura surda, nota-se, nas respostas dos alunos, uma mudança de pensamento depois de cursarem a disciplina LIBRAS, pois a existência de uma cultura surda, como podemos perceber em alguns comentários, agora já é dada como conhecimento adquirido.

Dessa forma, esse trabalho serve para proporcionar uma melhor reflexão sobre um assunto que, por muitas vezes, passa despercebido na atualidade, como é o caso do povo surdo, as práticas inclusivas para os surdos nas escolas e o grande preconceito que eles sofrem na sociedade. Dessa maneira, a disciplina de LIBRAS ofertada na UFAL - *Campus* do Sertão se faz necessária para iniciarmos revisões de saberes sobre a cultura surda.

Assim, compreendemos a seriedade desse estudo, que possibilita uma reflexão não só para os estudantes em LIBRAS, mas também como um trabalho para outras pessoas, de outras áreas, que se interessem por essa temática. Esse trabalho é passível de ampliação, podendo ganhar novos contornos e um maior aprofundamento teórico, pois, diante de uma sociedade em constantes transformações, a discussão sobre surdos e sua cultura ganha novos contornos e um maior fortalecimento sobre a sua importância.

60

Referências

BRASIL. Lei 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: _____. **A Ideia de Cultura. Lisboa: Temas e debates**, 2000.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÁ, Nídia de. Escola e classes de surdos: opção político-pedagógico legítima. In: _____. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011, 17- 62.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. **Educ. Soc. Campinas**, 2005, n. 91, vol. 26, 565-582.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **A inclusão da pessoa com deficiência**. In: **SÁ, Nilda de. Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011, 273- 276